

M A R C O S T O R R E S

# CORES DE INDOCHINA

EDITORA PENALUX  
Guaratinguetá, 2018



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

REVISÃO E PREPARAÇÃO TEXTUAL: Kyanja Lee

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Guilherme Peres

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

T693c TORRES, Marcos.

Cores de Indochina / Marcos Torres – Guaratinguetá, SP: Penalux, 2018.

226 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-455-6

1. Romance I. Título

CDD B869.93

---

Índice sistemático:

1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.



# 1

---

## TAILÂNDIA

Acabo de chegar e não sei como está a temperatura em Bangkok, e para ser sincero, melhor mesmo nem saber, para não sofrer antecipadamente. Como disse antes, não tenho nenhuma pretensão de falar tailandês fluentemente, mas espero poder aprender algumas palavras mínimas em tailandês ou, pelo menos, alguns de seus dialetos. Talvez um inglês arrastado e um pouco do dialeto que aprendi na costa do Mediterrâneo me permita sobreviver num ambiente tão desconhecido quanto este em que me encontro, pelo menos por um tempo. A verdade é que nem mesmo sei a língua dos meus pais; minha mãe jamais tocara neste assunto. Parece que aprendi a falar de forma defectiva. E hoje me pareço com aquele judeu de Praga falando uma língua menor. Não sei ao certo. Pelo pouco que sei, são dialetos e línguas que vêm de algum lugar da costa do Mediterrâneo, porém, isso não é tão seguro — aliás, vivo constantemente com essa insegurança, aonde quer que eu vá ou esteja. Nem mesmo sei por que existe esta separação de línguas, e talvez por isso veja tanta falta de comunicação no mundo, entre as pessoas.





Quando tento esboçar alguma palavra em tailandês, causo risos em todos ao meu redor. As ruas estão abarrotadas de gente. Transeuntes passam de um lado a outro a todo instante vendendo bugigangas. Os tuk-tuks carregam turistas, levando-os para os lugares turísticos de Bangkok. O trânsito da cidade é caótico. A avalanche de bicicletas e motocicletas circulando pelas ruas o deixa ainda mais desordenado, embora o índice de acidentes seja baixíssimo. Falar de semáforo por aqui não passaria de uma piada de extremo mau gosto. Fico imaginando situação semelhante no Brasil, onde, segundo estatísticas, tem os piores motoristas do mundo. Em poucas semanas não haveria um único ser vivente. O mesmo é válido para tantos outros lugares do mundo — impossível listar.

As pessoas nunca entendem nada do que eu digo. Mas isso não acontece somente comigo. Muitas pessoas no mundo inteiro passam pela mesma situação e muitas vezes ultrapassam certa medida.



*Maria Júlia me disse, certa vez, com ar debochado:*

*— No Brasil morrem mais pessoas no trânsito do que em terremotos na Ásia. Será que é verdade? — Em seguida tomou um gole de uísque com as pedras de gelo quase pulando do copo. — E ainda dizem que tudo isso é culpa das mulheres, que não sabem dirigir e deixam o trânsito cada vez mais caótico! Dá até vontade de rir. Bando de homens machistas! Porra de país machista! Qualquer idiota sabe disso; e você*

não fique aí me olhando com essa cara, não venha pra cá fingir que também não sabe. — Apontando o dedo indicador em minha direção, depois tomou mais um gole de uísque, agora abaixo de dois dedos e com as pedras de gelo boiando sobre a dose cor de ferrugem.

— Tá escrevendo o quê, atualmente?

— A biografia de um grande amigo meu que vive perambulando pelo mundo.

— Quem é esse louco!? Você devia escrever sobre o machismo no Brasil.

— Quem sabe um dia. Agora preciso ir pra casa voltar a trabalhar.

— E vê se volta pra beber um pouco mais com as amigas, não esquece de suas raízes...



Giang Chin Dao atualmente mora numa aldeia nos arredores e entre cidades vizinhas aos templos de *Angkor*, num vilarejo entre a Tailândia e o Camboja. Ainda era criança quando veio morar com seus avós. Tinha oito anos quando seus pais foram mortos por soldados americanos, logo nos primeiros dias da Guerra do Vietnã (também chamada de “Guerra Americana”). Hoje Giang, como prefere ser chamada, é uma senhora de 66 anos, que cuida de duas netas, Chin Chuam Socolov e Ho Chin Dao Socolov, com 8 e 10 anos, respectivamente.

Ela morava com seus pais numa aldeia ao norte de Saigon. Trabalhava no plantio de arroz e chá ao longo de uma depressão, cultivando ainda o sistema mais primitivo, como faziam os seus ancestrais. Assim, usava o tradicional chapéu vietnamita em forma de cone e plantava com os pés submersos na lama

e barro igualmente escuros. O sol escaldante e seus raios rasgavam a montanha ao fundo. Ela dizia que sentia saudades de quando navegava nas águas calmas do delta do Rio Mekong. Foi um tempo que ficou para trás, embora desejasse revivê-lo e às vezes lhe trouxesse tristeza. Mas essa nostalgia logo se dissipava. Seu primeiro nome significa “rio”, o que talvez justifique um pouco de sua melancolia. Essa água dura que são as palavras, onde o rio é nosso pai que espreme vida, como rosa destilando seus aromas...

A Guerra do Vietnã foi uma luta sangrenta que durou vinte anos, de 1955 a 1975. Se algum dia eu escrevesse uma fábula, a moral da história seria: Davi matou Golias com um golpe estratégico e mortal — e no mais, só mudaria o local do evento: em vez de ser no Vale do Terebinto, seria às margens do Rio Mekong, no Golfo de Bengala, Oceano Índico.

No fim dessa guerra sangrenta eu ainda era uma criança de colo, ao mesmo tempo em que explodia a Guerra do Yom Kippur. No tempo da minha inocência, o sangue jorrava simultaneamente tanto no Egito como em terras vietnamitas. Corpos podiam ser vistos espalhados por valas rasas, e rios de sangue derramado por fuzis e metralhadoras corriam com as gotas da chuva, entre estilhaços de balas pelo chão. Famílias inteiras mergulhadas em rios de lágrimas.

Quando perguntei qual seria a razão da invasão e guerra, ela tinha um discurso na ponta da língua, não existia novidade: “Razões humanitárias, eles justificavam”.

— Um discurso sustentado até os nossos dias; não estou contando nada de novo, senhor Zehuti, pois o senhor já deve estar cansado de saber.

— É verdade! E talvez esse seja o motivo pelo qual esteja por aqui procurando um abrigo. Não quero mais ouvir essas coisas inventadas por outros; quero ver com meus próprios olhos e ouvir de quem vivenciou essa experiência. Embora tudo isso seja difuso, de uma forma ou de outra. Mas prefiro essa segunda opção. Talvez enxergue o mundo com um pouco mais de clareza, não estou tão seguro. As histórias que são contadas causam-me certo aborrecimento. Pareço buscar o imponderável, senhora Giang.

— Sim, entendo. Papai era um homem íntegro e de muito respeito, jamais matou o mais pobre dos insetos. Trabalhava de dez a doze horas numa plantação de chá e, quando sobrava tempo, ainda ia pescar com os amigos nas margens do delta do Rio Mekong, senhor Thoth. — Ela me tratava dessa forma, pois isso fazia parte de sua natureza e costume (às vezes ela me chamava pelo primeiro nome, às vezes pelo sobrenome). — Morreu com um tiro nas costas e outro na nuca, e minha mãe também foi abatida com tiros no peito ao correr para socorrer papai. Morreu em poucos minutos quando eu ainda tentava socorrê-la; papai parecia já estar morto em seus braços. Não sabia direito o que de fato estava acontecendo.

O sangue jorrava igual ao pescoço de uma galinha sendo morta num abatedouro. Morreram dentro de uma guerra que não era deles. Foi uma cena muito chocante para mim. Até hoje, fico assombrada ao me lembrar dessa imagem. Às vezes, sinto calafrios no meio da noite. Outras vezes, preciso me lembrar dessas coisas para não esquecer e, ao mesmo tempo, deixar para a memória da família, porque senão tudo vai parecer uma fábula. As pessoas esquecem as coisas muito rapidamente,

até mesmo as mais escabrosas, conforme dizia a senhora Keane, moradora de uma aldeia nos arredores das plantações de chá e arroz japonesas.



*Eles passavam muito tempo juntos conversando. Às vezes ficavam dias e dias desdobrando o mesmo assunto. Eram ouvintes mútuos e não havia sobreposição de voz. É assustador, mas esta parece minha própria história. Embora seja o biógrafo, tenho a estranha sensação de que isso teria acontecido comigo. Parece que eles já se conhecem há muito tempo, você não acha?*



— Minha filha foi passar uma temporada com o marido em Londres, para dar seguimento aos estudos no Imperial College London, no South Kensington Campus, próximo ao museu de ciência londrino, a poucos quilômetros de Cambridge. Vão estudar juntos Estudos Avançados em Biologia numa universidade da Inglaterra; deixou comigo suas duas filhas até os dois terminarem seus estudos, quando então retornarão à Tailândia.

Fala-se muito sobre a guerra, embora de forma bastante equivocada sobre o que ocorreu. Há sempre uma tentativa de unificar as opiniões e os gostos. Preconceito é ignorância. Basta conhecer minimamente o outro ambiente e todo o equívoco pode se dissipar. Difícil compreensão.

— O que você diz é verdade, senhora Giang. Passei pela mesma situação sobre a qual está falando, quando de minhas



andanças, visitando o sul do Brasil, numa cidade chamada Curitiba, no estado do Paraná. Isso também aconteceu por diversas vezes, em outras ocasiões e lugares por onde passei.

— É. Viver é realmente muito complicado. Alguns vizinhos disseram que os soldados fizeram um ataque-surpresa pela manhã, quando grande parte dos moradores da aldeia ainda dormia. Mas meus pais nessa ocasião já estavam acordados. Acordei logo em seguida com o barulho do meu pai escolhendo as varas de pesca para sair após o café. Estava de folga e, nesse dia, iria pescar com os amigos. Seria uma semana de muita abundância em nossa casa, pois ao retornar da pescaria ele sempre trazia farta quantidade de peixe, que chegava a durar mais de uma semana. Os peixes do delta do Rio Mekong são muito saborosos.

Minha mãe ainda começava a fazer os preparativos para o café e almoço. Não tinha como eu voltar a dormir, pois precisava ajudá-los nos afazeres da casa. Era um dia lindo, o sol estava radiante e no céu não havia uma única nuvem anunciando a chuva, como acontecia com frequência naquela região. Vivíamos numa terra de muita chuva, peixe e água em abundância.

O meu pai levava mais de uma vara de reserva, caso houvesse algum imprevisto com aquela escolhida para a pesca; fazia esse ritual há muitos anos. Antes, ele as retirava da casa dos fundos, onde também guardávamos ferramentas e outros utensílios de casa. Só depois do café era que ele escolhia de fato suas varas de pesca preferidas, a depender da ocasião. Parecia um ritual tribal ou algo que até hoje eu não sei explicar.

— Então, quer dizer que seu pai foi abatido em frente a sua casa, diante da esposa e da filha, apenas por carregar sobre os ombros um cesto de vime, um saco de minhocas e três varas de pesca?

